

# A disciplina Educação Musical Especial no currículo da Licenciatura em Música da UFCG: um relato de experiência

## Comunicação

*João Valter Ferreira Filho*

Universidade Federal de Campina Grande  
joao.valter.ufcg@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho descreve a estruturação e o desenvolvimento da disciplina Educação Musical Especial no âmbito da Licenciatura em Música da Universidade Federal de Campina Grande. O artigo descreve inicialmente a base teórica e as concepções sobre as quais se constrói a disciplina. Logo em seguida são explanados seu foco e sua estruturação, caracterizando sua sistemática de funcionamento e evidenciando o potencial transformador das vivências ali construídas e suas repercussões nas percepções dos licenciandos. A disciplina, formatada de maneira a possibilitar a reflexão em torno das dimensões éticas e da responsabilidade social do educador musical, tem se caracterizado como um importante momento da formação dos futuros professores de música, instigando questionamentos socioculturalmente contextualizados e ensejando os processos de sensibilização e conscientização dos licenciandos face às demandas educacionais da contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Educação musical. Educação especial. Formação de professores.

### The Special Music Education discipline in the music undergraduate curriculum at UFCG: an experience report

**Abstract:** The present work describes the structuring and development of the Special Music Education discipline within the scope of the Undergraduate in Music at Federal University of Campina Grande (Brazil). The article initially describes the theoretical basis and conceptions on which discipline is built. Immediately afterwards, its focus and its structure are explained, characterizing its functioning system and showing the transformative potential of the experiences built there and its repercussions on the perceptions of the graduates. The discipline, shaped in order to allow reflection on the ethical dimensions and social responsibility of the music educator, has been characterized as an important moment in the formation of future music teachers, instigating socioculturally contextualized questions and raising the processes of awareness and awareness of the graduates in against the contemporary educational demands.

**Keywords:** Music education. Special education. Teacher education.

## Introdução

O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música da UFCG traz como uma de suas disciplinas obrigatórias específicas da área da Educação Musical a disciplina Educação Musical Especial – daqui por diante designada como EME – voltada para a formação pedagógica direcionada a alunos com necessidades educacionais especiais – NEE's. A disciplina está situada no sétimo bloco, com duração total de 60 horas e quatro créditos.

O presente trabalho visa compartilhar a experiência de condução da referida disciplina desde que a assumimos, ou seja, desde o período 2015.1. Temos procurado construir, em cooperação com cada uma das turmas subsequentes, um percurso formativo que seja capaz não apenas de expandir o repertório de ferramentas pedagógicas dos licenciandos, mas, sobretudo, de instigar questionamentos no âmbito da ética e da responsabilidade social do educador musical, aguçando seus olhares em direção à contemplação de novos horizontes para sua atuação nos contextos socioculturais nos quais irão se inserir em sua atuação profissional.

## Educação Musical Especial: apontamentos iniciais

De acordo com Joly (2003), a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais – NEE's – era considerada uma atribuição em separado da educação escolar básica, a ser desenvolvida em instituições especializadas. Esse panorama foi radicalmente alterado a partir da LDB 9394/96, que, influenciada pelas reflexões sobre educação inclusiva provocadas, por exemplo, pelo Projeto Principal para a Educação para a América Latina e Caribe (UNESCO, 1979) e a Carta de Salamanca (1994), estabeleceu a inclusão educacional e a integração de alunos com NEE's nas salas de aula do ensino regular em todo o país.

Entretanto, vinte e um anos depois desse importante passo para a educação brasileira, o que se verifica em nossas escolas é uma implantação lenta e desordenada das iniciativas de inclusão educacional. Isso porque, muito mais que simples diretrizes escritas em documentos oficiais, o processo de abertura das escolas regulares para o acolhimento de alunos com características físicas e psíquicas que lhes conferem peculiaridades no modo de aprender e

exercer o uso dos conhecimentos, implica, primeiramente, no grande desafio de rever toda a concepção legitimada a respeito de educação e cidadania. Nesse sentido, Mantoan (2003, p. 19) salienta que, de fato, “[...] se pretendemos uma escola inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global”.

Beyer (2005) e Louro (2003), afirmam que, além dessas questões conceituais, deve-se levar em consideração, ainda, alguns fatores práticos que também possuem muito peso na hora de transformar em ação aquilo que, em teoria, todo mundo já concorda. A esse respeito, as proposições das autoras quanto a esses fatores práticos podem ser sintetizadas em três questões principais:

(a) As implicações curriculares e metodológicas decorrentes da presença de alunos com NEE’s nas turmas do ensino regular;

(b) As questões relacionadas às adaptações da estrutura física e organizacional das escolas com vistas à adequação às especificidades dos alunos com NEE’s;

(c) A falta de formação específica dos professores.

A literatura tem nos mostrado que as possibilidades de realização de experiências pedagógicas inclusivas em educação musical são muitas, mas também são muitos os desafios práticos. Mais do que simplesmente elaborar atividades acessíveis, o educador musical que tenha diante de si o desafio de musicalizar alunos com necessidades educacionais especiais deverá ser capaz de reconhecer limitações (inclusive as suas próprias), prever percalços e reconfigurar caminhos para que suas práticas educativas resultem em efetivo aprendizado musical, caracterizando a aquisição de conhecimentos significativos em música para seus alunos.

Nesse sentido, ao compartilhar suas experiências como fundador e professor de um espaço educacional especializado em ministrar aulas de música a alunos com NEE’s, Ferreira (2016) afirma que:

[...] aí reside uma das principais diferenças entre a educação musical direcionada a alunos com necessidades especiais e a musicoterapia: na perspectiva da construção do conhecimento. A musicoterapia usa a música como um meio para fins terapêuticos. A educação musical tem como fim a construção de experiências musicais providas de significados próprios. Isso não inviabiliza, no entanto, que, durante o processo educativo que está sendo desenvolvido, o

indivíduo acabe por acabar alcançando também resultados terapêuticos. Mas eles não terão sido o fim do ato educativo (FERREIRA, 2016, p. 01. Grifo nosso).

A reflexão a respeito da educação especial no campo da educação musical tem ainda muito que ser aprofundada. Ilari (2003, p. 14) afirma que o conhecimento a respeito dos avanços das neurociências teria muito o que contribuir no desenvolvimento de novas pedagogias musicais em nossos dias. A esse respeito, reveste-se de especial importância os estudos do músico e neurologista Oliver Sacks (2007) que, em sua obra *Alucinações Musicais*, nos proporciona um importante mapa das especificidades da experiência musical verificada em vários de seus pacientes com diferentes tipos de necessidades especiais. Muito embora não seja uma obra especificamente situada no campo da Educação Musical, acreditamos que muitos dos dados compartilhados ali podem nos ajudar no delineamento de conteúdos e experiências para disciplinas específicas voltadas para o ensino de música para alunos com NEE's.

Outrossim, é importante também lembrar que os alunos com NEE's não são necessariamente pessoas com paralisia cerebral, síndrome de Down ou deficientes físicos de um modo geral. É necessário, ainda, que o professor de música tenha acesso a conhecimentos que lhe possibilitem trabalhar, por exemplo, dentro da realidade dos alunos com diagnósticos como hiperatividade, bipolaridade, depressão, dislexia, déficit de atenção etc. Some-se a isso as especificidades relacionadas a trabalhos de educação musical com grupos etários diferenciados, como, por exemplo, os idosos.

Tendo em mente todo esse panorama da inclusão educacional na contemporaneidade, acreditamos que uma formação reflexiva e contextualizada nessa área pode proporcionar aos licenciandos conhecimentos muito relevantes e, acima de tudo, muito úteis para uma atuação educativa capaz de transformar efetivamente as relações musicais desses alunos na sociedade. É com base nessas concepções que procuramos delinear nossas estratégias de ação na disciplina EME da Licenciatura em Música da UFCG, experiência que passamos a descrever no tópico a seguir.

## Foco, estruturação e desenvolvimento da disciplina

Os licenciandos de nosso curso chegam à disciplina EME já no penúltimo período de sua graduação, de maneira que, de um modo geral, já têm cursado outras cadeiras estratégicas, tais como Metodologia do Ensino da Música, Didática, LIBRAS, Psicologia da Educação etc. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (2009), a ementa da disciplina estabelece como foco dos estudos a:

Problematização de como a música pode contribuir no trabalho realizado nos espaços de educação especial tendo o profissional desta área como o orientador das situações de ensino e aprendizagem que envolvam esta linguagem expressiva. Com base na literatura das áreas de educação musical e educação especial, realizar atividades práticas que envolvam e provoquem o pensamento musical e a sua relação com o trabalho desenvolvido na área de educação especial (UFCG, PPC, 2009).

Com base nessas diretrizes, optamos por iniciar os trabalhos da disciplina a partir de uma sondagem realizada por meio de questionário aberto a respeito das concepções e das experiências prévias dos alunos com a musicalização de alunos com NEE's. Essas sondagens, de um modo geral, têm constatado um conhecimento apenas superficial a respeito das diversas realidades abrangidas pela temática. Dentre todas as três turmas com as quais trabalhamos (2015.1, 2015.2 e 2016.2), que envolveram um total de trinta e cinco alunos, apenas três licenciandos já se haviam deparado com circunstâncias nas quais foram solicitados a ensinar música a pessoas com NEE's. Outros sete afirmaram já terem atuado informalmente na musicalização de amigos ou parentes com NEE's diversas e todo o restante manifestou tão somente um conhecimento superficial dessa realidade.

Diante dessa realidade, temos optado por direcionar os primeiros estudos bibliográficos da disciplina para um conhecimento mais macro a respeito das diversas nuances e desafios da inclusão educacional de alunos com NEE's na Educação Básica de um modo geral, assim como um estudo preliminar da legislação vigente a esse respeito.

Utilizamos, além de artigos específicos e das fontes primárias, no caso da legislação, vídeos institucionais e documentários diversos, que possibilitam a abordagem da temática da

inclusão sob diversos ângulos. O objetivo dessa fase de nossos estudos é, antes de mais nada, uma sensibilização inicial dos licenciandos em música. Os resultados desses estudos iniciais nos parecem satisfatórios, fato que podemos avaliar pelos debates suscitados, pela participação paulatinamente mais consciente nas problematizações propostas e mesmo por uma certa modificação dos juízos e opiniões manifestadas durante o decorrer das aulas.

A segunda fase dos estudos da disciplina visa contextualizar o ensino musical no panorama da Educação Especial. Para tanto iniciamos com leituras que evidenciam a atuação da música no cérebro humano (ILARI, 2003; SACKS, 2007), a concepção da Educação Musical como uma linguagem (PENNA, 2015; SCHOROEDER, 2009) e a revisão dos pressupostos contemporâneos da musicalização, na busca da superação da concepção de estudos musicais fundamentados na ideia do talento e direcionado de forma a simplesmente treinar técnicas e preparar repertórios (PENNA, 2007; QUEIROZ, 2013; GAINZA, 1988). Nesse momento procuramos refletir também sobre os processos psicológicos da aprendizagem musical (SLOBODA, 2008; NOGUEIRA, 2009; JOURDAIN, 1997) e também nas dimensões éticas da atuação do professor de música (QUEIROZ, 2013; BELLOCHIO, 2016; BOWMAN, 2007).

A fase posterior da disciplina consiste em uma pesquisa de campo. Divididos em grupos de três alunos, os licenciandos são orientados a visitar uma escola da rede pública e uma escola da rede privada com os seguintes objetivos: (a) verificar o número de alunos com NEE's matriculados nas escolas; (b) entrar em contato direto com a realidade de inclusão em cada escola visitada, por meio de observação e entrevistas com professores e alunos e (c) vislumbrar possibilidades de experiências de musicalização tendo como ponto de partida a realidade prática contemplada em cada escola visitada.

Após a pesquisa de campo, cada grupo apresenta os resultados e impressões de suas visitas. Essas experiências práticas são colocadas em contraste com os estudos bibliográficos das duas primeiras fases da disciplina e seguem-se diversas discussões onde os principais aspectos emergentes nos estudos teóricos – inclusive aqueles relacionados à viabilidade e aplicabilidade das leis – são contextualizados com as realidades encontradas em sala de aula.

A quarta fase da disciplina é caracterizada por novos estudos bibliográficos, agora centralizados em leituras de relatos de experiências relacionados a trabalhos de musicalização

junto a alunos com diferentes NEE's – musicalização de deficientes visuais, musicalização de autistas, musicalização de idosos etc. De acordo com a viabilidade, alguns estudos são seguidos de experiências práticas realizadas em sala de aula na busca por uma compreensão mais vivencial a respeito das limitações e peculiaridades de cada realidade. Assim sendo, são conduzidas experiências de musicalização com todos os licenciandos vendados, ou com ouvidos tampados, ou simulando situações de extrema distração etc. Essa fase mais prática das aulas proporciona uma imersão vivencial que, via de regra, acaba instigando novos debates, novas discussões, novas intuições.

Por fim, após todo o percurso proporcionado pela disciplina, cada aluno é orientado a elaborar três propostas de musicalização para alunos com diferentes NEE's. As propostas são socializadas com a turma e são feitas observações e revisões coletivas da contribuição de cada um. Esse momento encerra a disciplina.

## Considerações finais

O desenvolvimento da disciplina EME tem sido uma experiência construída coletivamente na qual cada nova turma nos abre novos pontos de vista e novas possibilidades metodológicas. Constituída por uma alternância sistemática entre estudos bibliográficos dirigidos e experiências práticas diversas, a disciplina tem contribuído para a expansão da consciência ética e da responsabilidade social dos licenciandos em música, ao mesmo tempo que os instrumentaliza de maneira prática para desafios bem concretos que, certamente, encontrarão em suas vidas profissionais.

Outros desdobramentos, inclusive acadêmicos, também têm sido verificados. Destacamos, à guisa de exemplificação, a decisão de um licenciando em levar adiante um projeto de musicalização com uma aluna autista em sua cidade natal e em desenvolver seu TCC em torno desse trabalho e a contratação de outro licenciando como orientador musical em uma instituição ligada à Secretaria de Assistência Social de outra cidade do entorno de Campina Grande.

Muito embora tenhamos plena consciência da insuficiência de tempo e recursos para uma formação realmente adequada a respeito da complexa temática da musicalização de alunos

com NEE's dentro dos limites de uma disciplina com apenas 60 horas de duração e já no sétimo período da Graduação, acreditamos que as experiências que temos vivenciado com os licenciandos da UFCG têm proporcionado alguns elementos que consideramos fundamentais para a transformação da realidade educacional de nosso país: a sensibilização para os próprios limites e os limites do outro e a conscientização dos licenciandos para a dimensão ética da profissão de educador musical. Esses são, em nosso ponto de vista, ganhos cruciais na busca por uma formação docente socioculturalmente contextualizada e sintonizada de maneira concreta com as demandas e solicitações da sociedade contemporânea.

## Referências

- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Formação de professores de música: desafios éticos e humanos para pensar possibilidades e inovações. *Revista da ABEM*. Londrina, v.24, n.36, jan.jun. 2016. p. 8-22.
- BEYER, Hugo Otto. *Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- FERREIRA, Fernando Cícero. *Desafios práticos na educação musical de crianças com transtorno do espectro autista: anotações para uma palestra*. Mimeo. Teresina, 2016.
- GAINZA, Violeta Hemskey. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 9, 7-16, set. 2003.
- JOLY, Z. L. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. *Educação*. v. 28. n. 2. 2003.
- JOURDAIN, Robert. *Music, the brain, and ecstasy: how music captures our imagination*. New York: William Morrow and Company, 1997.
- LOURO, Viviane dos Santos. *As adaptações a favor da inclusão do portador de deficiência física na educação musical: um estudo de caso*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Música). 208 f. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Egler. *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- NOGUEIRA, Marcos. A semântica do entendimento musical. In: *Mentes em música*. ILARI, Beatriz e ARAÚJO, Rosane Cardoso de (Orgs.). Curitiba: Editora de Artes, 2009. p. 37-64.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- \_\_\_\_\_. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 16. mar.2007, p. 49-56,
- QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Educação e Música: diálogos na contemporaneidade. *Intermeio*. v. 19, n. 37, jan-jun, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ética na pesquisa em música: definições e implicações na contemporaneidade. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.27, p.7-18, 2013.
- SACKS, Oliver. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. A educação musical na perspectiva da linguagem: revendo concepções e procedimentos. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 21. p. 44-52, mar. 2009.
- SLOBODA, John A. *A mente musical: a psicologia cognitiva da música*. Trad. Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: Eduel, 2008.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. *Projeto Pedagógico do Curso – Licenciatura em Música*, 2009. Disponível em <<http://www.musica.ufcg.edu.br>>. Acesso em 12. jul. 2017.